

Recursos naturais e desenvolvimento

O tema Recursos Naturais e Desenvolvimento foi discutido no III Encontro Nacional de Economia Industrial e Inovação, promovido pela Associação Brasileira de Economia Industrial e da Inovação (Abein), ocorrido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no ano passado. Participaram da sessão Rogério Gomes (FCLAr-Unesp), como coordenador, João Furtado (Poli-USP), expositor, Jorge Britto (DE-UFF), Marcelo Silva Pinho (DEP/Ufscar), e Orlando Martinelli (DERI-UFSM), como debatedores.

A discussão foi sobre a importância dos recursos naturais (RN) para o desenvolvimento econômico. A teoria padrão diz que quanto maior a dotação de fatores de produção de uma economia, maiores são suas chances de desenvolver. No entanto, parte da literatura sobre desenvolvimento nos anos 1950 a 1970 entende que a abundância de RN, e a especialização técnico-produtiva dela decorrente, seria um obstáculo ao desenvolvimento dos países periféricos. Nos anos 1990 e seguintes, estudos buscaram evidências empíricas da relação negativa entre abundância de RN e desenvolvimento no longo prazo, sendo que a primeira foi entendida como uma maldição para o processo de desenvolvimento econômico.

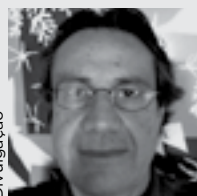
O professor João Furtado redimensionou criticamente essas interpretações vindas da *resource-curse literature*. Para ele, a concepção de RN utilizada pela teoria econômica padrão é inadequada para entender o real processo produtivo, uma vez que é pobre para captar a complexidade evolutiva dos processos tecnológicos e produtivos. Entendem RN e fator de produção como equivalentes. Seria mister entender que o aspecto mais importante não é a dotação do fator de produção, mas sim seus usos potenciais como recursos produtivos. Recursos reúnem elementos – tangíveis e intangíveis – presentes no processo produtivo que, combinados, geram competências, sinergias e externalidades positivas essenciais para o desenvolvimento econômico.

Mas isso não bastava. Seria mister também entender que RN *per se* não existem. Vale dizer, para que os recursos naturais tenham valor econômico e social, é preciso criá-los. Um exemplo seria a exploração do cerrado. Foi a ação humana deliberada, o uso efetivo do conhecimento científico, da pesquisa e da tecnologia, que criou o RN chamado cerrado e o tornou disponível para o desenvolvimento. Nessa perspectiva é que deveriam caminhar as políticas industriais e tecnológicas, isto é, com o viés

de criação de capacitações na conversão da natureza em recursos produtivos, alavancando sinergias e complementaridades produtivas para o desenvolvimento brasileiro. Essa proposta já contaria com experiências internacionais exitosas, tal como o caso sueco.

Para o professor Jorge Britto, embora interessante, haveria dificuldades na implementação dessa linha condutora estratégica de desenvolvimento nacional. Os diferentes níveis de complexidades tecnológicas e especificidades setoriais tornariam as formulações muito complexas. Marcelo Silva Pinho observou que, embora interessante, a proposta não contava ainda com evidências robustas para deslocar o setor industrial como o mais relevante para puxar o desenvolvimento. Um estilo de desenvolvimento econômico – que inclui tecnologias modernas e alta renda *per capita* – só é viável com um importante setor industrial. Na mesma linha seguiu o professor Martinelli, salientando que as evidências empíricas demonstram que as relações de troca internacionais continuam favoráveis aos produtos manufaturados; mas que poderia haver uma janela de oportunidade com as tecnologias da indústria 4.0 aplicadas a processos produtivos baseados em RN, se tais tecnologias pudessem relativizar a importância da localização geográfica dos países, e modificar a relação de valor agregado entre os produtos industriais e não industriais.

Não há espaço aqui para detalhar os debates ricos que a temática suscitou durante a sessão. No entanto, ficou patente a importância de se reconsiderar a importância de políticas de P&D, redimensionando a potencialidade econômica dos chamados RN, conectando-os de forma mais criativa e sinérgica no curso futuro do processo de desenvolvimento econômico brasileiro.



Divulgação

ORLANDO MARTINELLI

Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria e sócio fundador da Abein.